




COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2023
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2023v24i1:e61338>

John Dewey e as raízes da estética do cotidiano

John Dewey and the roots of everyday aesthetics

Laura Elizia Haubert*
eliziahaubert@gmail.com

Resumo: Nas últimas duas décadas a estética do cotidiano tornou-se um importante tema de debate entre filósofos de tradição anglófona. Essa teoria contempla a possibilidade de que o cotidiano seja fonte de experiências estéticas, além de realizar uma crítica da tradição. Ambos os elementos também estão presentes e são centrais para a estética pragmatista desenvolvida por John Dewey na primeira metade do século XX. Neste breve ensaio, realiza-se uma aproximação dos dois projetos teóricos por meio de um eixo de questão em comum, a saber, o dilema de como é possível relacionar a estética e a vida cotidiana.

Palavras-chave: Estética pragmatista. Estética do cotidiano. Experiência estética. John Dewey.

Abstract: *In the last two decades, the aesthetics of the everyday has become an important topic of debate among philosophers in the Anglophone tradition. This theory contemplates the possibility that everyday life is the source of aesthetic experiences, as well as a critique of the classical aesthetic tradition. Both elements are also present and central to the pragmatist aesthetics developed by John Dewey in the first half of the 20th century. In this brief essay, an approximation of the two theoretical projects is made through a common axis of question, namely the dilemma of how it is possible to relate aesthetics and everyday life.*

Keywords: *Aesthetic experience. Everyday aesthetics. John Dewey. Pragmatist aesthetics.*

Assim, impõe-se uma tarefa primordial a quem toma a iniciativa de escrever sobre a filosofia das belas-arts. Essa tarefa é restabelecer a continuidade entre, de um lado, as formas refinadas e intensificadas de experiência que são as obras de arte e, de outro, os eventos, atos e sofrimentos do cotidiano universalmente reconhecidos como constitutivos da experiência.

(John Dewey, Arte como Experiência)

1 Introdução

A estética do cotidiano é uma subdisciplina da teoria estética contemporânea que, nas últimas três décadas, tornou-se proeminente no cenário acadêmico de países de língua anglófona, chegando a ser reconhecida como uma linha de investigação independente com seus próprios dilemas, problemas e pensadores¹.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

* Universidad Nacional de Córdoba.

1 Vale ressaltar aqui a observação de Yuedi e Carter (2014) de que a estética do cotidiano possui uma dupla linhagem genealógica. Por um lado, dialoga e tem suas origens na história da filosofia

Apesar da inegável originalidade dos aportes deste emergente campo de estudo, tanto sua proposta quanto sua visão crítica recordam as propostas clássicas apresentadas na estética pragmatista de John Dewey. Com efeito, alguns filósofos contemporâneos da área como Leddy (2014, p. 44) chegaram a afirmar que: “[...] Dewey é praticamente o avô da estética do cotidiano [...]”. E muito tem sido escrito desde então a respeito das relações entre o filósofo clássico e essa área contemporânea.²

A interpretação é plausível, e as semelhanças entre as duas propostas teóricas são evidentes a qualquer leitor familiarizado com elas. Em ambas está presente uma crítica acentuada à redução da estética ao âmbito das belas-artes; com intuito de deslocar a atenção da atual supervalorização do produto (o objeto de arte) em direção às partes do processo (a experiência). Além disso, em ambos os projetos, há um evidente esforço para alargar o cânone ao admitir como fonte de experiências estéticas uma vasta gama de experiências humanas que até então haviam sido completamente ignoradas.

Essa proximidade entre a estética de Dewey e a estética do cotidiano tem sido objeto de análise de diversos comentadores nos últimos anos, como ficou evidente nos trabalhos desenvolvidos por Puolakka (2015), Luque Moya (2019a; 2019b) e Leddy (2021). Nesses trabalhos, houve tanto um esforço de defender Dewey de seus críticos contemporâneos, como no caso de Saito (2007), quanto de evidenciar vínculos entre Dewey e outras tradições, como no caso de Luque Moya (2019a).

A presente investigação se encontra na esteira dos trabalhos citados, já que visa aproximar também as duas teorias. O diferencial aqui é o objetivo de evidenciar que Dewey não é só um antecessor da estética do cotidiano, mas, indo além, mostrar que a própria tensão que define diferentes métodos de aproximação dessa teoria já estavam presentes em John Dewey de algum modo, sobretudo quando se observa seus textos menos conhecidos.

Para atingir o objetivo proposto dividiu-se a presente investigação em três etapas. Na primeira delas, buscou-se apresentar o campo da estética do cotidiano contemporânea e, em particular, o problemático dilema que reside em seu núcleo. No segundo momento, buscou-se compreender as relações entre essa teoria em desenvolvimento e a teoria estético pragmatista que havia sido desenvolvida por John Dewey. Por fim, em um terceiro momento, apresentaram-se breves considerações finais.

2 A estética do cotidiano contemporânea

A estética do cotidiano é uma linha em desenvolvimento da teoria filosófica contemporânea que investiga a possibilidade de que a experiência estética possa ser encontrada em eventos, objetos e ações oriundas da vida diária, conforme explicou Melchionne (2017). Ou seja, é uma hipótese que avalia a probabilidade de existir um outro tipo de experiência estética. Essa outra experiência teria sua origem nos mais variados lugares, como sugerem os exemplos abordados pelos filósofos: a ação de lavar roupa, comprar objetos de decoração e roupas, arrumar e limpar a casa, e ainda a postura adotada ao sentar-se relaxado para ler um livro, ou para compartilhar uma xícara de chá com amigos.

Todas as atividades mencionadas fazem parte da vida cotidiana e parecem ser estéticas em algum grau. Porém, nenhuma delas foi tradicionalmente avaliada porque são atividades que não atendem aos

ocidental, sobretudo em filósofos do século XX como Martin Heidegger, Ludwig Wittgenstein e John Dewey. Por outro lado, também é possível desenvolver toda uma teoria estética do cotidiano baseada na tradição oriental, inspirada pelo pensamento tradicional japonês, chinês, taoísta e zen-budista. Dois exemplos significativos são da primeira linhagem Leddy (2012) e da segunda Saito (2007; 2017). Inclusive, vale a pena citar aqui as comparações e análises que Saito (2014) faz a respeito do cotidiano e a estética tradicional japonesa. Ainda de acordo com Yuedi e Carter (2014), não se pode ignorar essa origem de fundo oriental, especialmente porque esse tem sido um terreno frutífero que inspirou diversos pensadores de diferentes tradições. Isso sucede porque a estética oriental mostrou-se mais preocupada com a vida cotidiana desde suas origens. Ao invés de ocupar-se com a análise de objetos de arte, tais teorias desenvolviam-se com o intuito de formar comportamentos e ações mais estéticas. Em certo sentido, ainda se ressalta que para alguns autores o termo correto não seria “estética do cotidiano”, mas sim “estética viva” ou “estética da vida” já que é uma proposta estética que se ocupa dos mais diversos aspectos da existência.

2 Em estudos recentes como Pryba (2015) e Dreon (2021), destacaram-se os vínculos entre a estética pragmatista e a estética do cotidiano. Especialmente em Pryba (2015), a estética do cotidiano aparece como um desenvolvimento da estética pragmatista contemporânea.

critérios propostos nas teorias estéticas tradicionais, que buscavam compreender a experiência estética relacionada ou à beleza, ao sublime, ou à arte. Em todos esses casos, exigia-se um distanciamento e uma atenção desinteressada por parte do sujeito em relação ao objeto. Devido a esses requerimentos, a experiência estética tradicional é – como notou Saito (2007) – uma experiência rara, que poucos felizardos parecem alcançar.

Em contrapartida, como fica evidente, a estética do cotidiano busca justamente colocar no centro da reflexão filosófica essa outra experiência mais recorrente e comum, e não menos importante em termos de valores, que parece ter passado despercebida até o momento. Para Melchionne (2017), essa outra experiência é marcada por uma postura mais ativa, no lugar da contemplação existe o envolvimento, a ação e a fusão da vida e dos fazeres cotidianos com a experiência estética.

A rápida ascensão desse campo filosófico, segundo Yuedi e Carter (2014), pode ser explicada pela própria mudança de paradigmas que permeiam a cultura globalizada e o mundo das artes contemporâneas. Em um mundo onde a vida se torna cada vez mais padronizada, existe um movimento de tentar tornar a vida uma forma de arte, e com isso voltar a reunir as duas esferas que haviam sido separadas. Mas também existe o movimento oposto, por parte do mundo da arte, que tenta trazer a arte para o cotidiano, dissolvendo assim a arte na vida.

Em especial, tratando-se do segundo ponto, Sartwell (2005) observou que a estética do cotidiano lida com dois eixos amplamente debatidos no mundo das artes contemporâneas. O primeiro é que as artes podem surgir e se relacionar com uma série de atividades que não eram tradicionalmente consideradas artísticas ou estéticas. Basta pensar em Duchamp e em seus objetos propositalmente “inestético”, mas ainda assim artísticos. O segundo ponto, conexo ao anterior, diz respeito a acatar que a estética se estenda para além do campo das artes. Ou seja, é a diferença que se poderia apontar entre uma filosofia da arte (orientada para o objeto) e uma estética (orientada para a recepção da experiência) do sujeito.³

Daí que não escapou para estetas do cotidiano como Saito (2007) que o projeto contemporâneo requer um *detour* em direção a um conceito de estética mais amplo do que aquele empregado atualmente. Com efeito, Saito (2007) sugere que é necessário retornar ao conceito originalmente proposto por Alexander Baumgarten, para o qual a estética não é sinônimo de filosofia da arte, mas sim, de modo mais amplo, de uma ciência da percepção.

Além disso, a proposta da estética do cotidiano envolve não somente a mudança do conceito mais geral de estética, mas também pressupõe repensar o significado da experiência estética e de seus componentes. Ao invés da experiência de atenção desinteressada, a experiência estética do cotidiano parece ser marcada por uma espécie de sentimento de tranquilidade ou senso de familiaridade, na análise de Puolakka (2019); ou por ser capaz de engendrar ações e julgamentos que moldam o mundo, segundo Saito (2017); ou ainda são do tipo de experiências de superfície onde se sente que algo parece correto, como explica Leddy (1995; 2012).

Em comum, como notou Melchionne (2017), as diferentes teorias da estética do cotidiano possuem uma ênfase na experiência em processo e na possibilidade de uma perspectiva contínua entre o estético e a vida. Nesse caso, a passagem de uma experiência normal para uma experiência estética é um degrau numa escada contínua, trata-se antes de uma qualidade de toda experiência.

Aqui aproxima-se o cerne do dilema (ou paradoxo) que reside no coração desta teoria estética e que, como será visto adiante, também estava presente na teoria de Dewey, sobretudo em sua versão apresentada no livro de 1934, *Arte como Experiência*. Essa tensão tem sido eixo de acalorados debates e é responsável por diferenciar as argumentações de pensadores.

O paradoxo pode ser apresentado da seguinte forma, como explicaram Forsey (2014) e Carlson (2014): até que ponto ao lidar com experiências estéticas cotidianas o filósofo não as transforma em

3 Essa distinção entre filosofia da arte e estética foi apresentada por Carroll (1999).

experiências extraordinárias, retirando-as do seu contexto cotidiano? Ou seja, será que é possível existir uma estética do cotidiano? Vale a pena citar aqui a condensação do problema apresentada por Leddy.

Parece que precisamos fazer algum tipo de distinção entre a estética da vida cotidiana normalmente experimentada e a estética da vida cotidiana extraordinariamente experimentada. Entretanto, qualquer tentativa de aumentar a intensidade estética de nossas experiências cotidianas comuns tenderá a empurrar essas experiências na direção do extraordinário. Só se pode concluir que existe uma tensão dentro do próprio conceito de estética da vida cotidiana. (LEDDY, 2005, p. 18).

Esta tensão é tão profunda na estética do cotidiano que o modo como os filósofos responderam a ela caracteriza suas teorias. Mais particularmente interessa aqui o fato de que esta diferença metodológica pode ser lida como uma distinção na interpretação da teoria estética pragmatista de Dewey.

Isto porque, por um lado, estudiosos como Saito (2007; 2017) e Haapala (2005) colocam o foco e atenção nas experiências cotidianas, tomando-as como paradigmáticas, sem com isso tentar torná-las em experiências extraordinárias como consideram que são as experiências com as obras de arte. Neste caso, Saito desenvolveu uma crítica à teoria de Dewey por considerar sua teoria ainda demasiado restritiva em relação à experiência estética. Para a filósofa (2007), em última instância, Dewey não leva sua proposta até as consequências finais ao defender graus de experiência distintivos entre o cotidiano e a arte, terminando assim por adotar a postura de ruptura que ele próprio visava criticar.

Em contraste com essa interpretação, para filósofos como Leddy (2012) e Irvin (2008), a estética do cotidiano aborda os objetos comuns de forma extraordinária, empurrando-os para uma experiência que pode ser semelhante à da obra de arte, ainda que em um grau mais suave. Neste caso, os pensadores contemporâneos compartilham com Dewey uma teoria que compreende a possibilidade de que o comum e o artístico estejam na mesma linha, e tenham diferentes graus de desenvolvimento e de completude. É dizer que, se algo captou a atenção do sujeito, mesmo que seja algo comum, existe já um grau de extraordinário nesse objeto ou nessa situação.

O fato de que o dilema que está no coração da estética do cotidiano se relacione tão profundamente com distintas interpretações da teoria de Dewey parece ser uma indicação de quão forte é o vínculo entre a estética pragmatista clássica e essa nova teoria contemporânea. Por isso, um retorno à estética de Dewey parece mais do que justificado e necessário.

Em resumo, seja para concordar ou discordar, Dewey é uma figura chave que permeia os debates e as características da estética do cotidiano em quase todos os autores contemporâneos. Por essa razão, parece necessário aprofundar os vínculos entre estes dois elementos, coisa que se tratou de fazer na seção seguinte.

3 Dewey e as origens do estético no cotidiano

A ideia deste apartado é mostrar que, se por um lado parece correto o que críticos como Pope (2011) e Saito (2007) pontuaram sobre a existência de um inerente conflito em relação ao estético no cotidiano na obra de Dewey de 1934, ao mesmo tempo, também parece acertado de que o filósofo não ignora completamente essa possibilidade – na verdade, é um dos primeiros a inseri-la de modo mais explícito no cânone.

Com efeito, o intuito aqui é indicar, seguindo o comentário de Dahl (2020), que não se trata de fazer de Dewey um teórico da estética do cotidiano, porém, de perfilar os pontos de intersecção e de afastamento. Enquanto os filósofos contemporâneos buscaram tornar eventos diários em estéticos, o projeto de Dewey buscava reconhecer que a experiência estética encontra suas raízes, frequentemente, na vida diária.

Agora, como se pretende mostrar aqui, o que ambas as teorias compartilham é o dilema em relação ao cotidiano, e de como dar conta desse cotidiano desde uma teoria estética é desafiador. Outro ponto que ambas as teorias compartilham é o esforço consciente de crítica das teorias estéticas que visavam circundar à estética ao campo das experiências artísticas e, por sua vez, a arte a determinados espaços como museus e galerias. Em Dewey (2010, p. 60), essa crítica é apresentada logo nas primeiras páginas de seu livro, e é um dos eixos de sua tarefa no campo da estética. Em suas palavras, ele buscava: “[...] restabelecer a continuidade entre, de um lado, as formas refinadas e intensificadas de experiência que são as obras de arte e, de outro, os eventos, atos e sofrimentos do cotidiano [...]”.

Vale aqui ressaltar que a presença do conceito de cotidiano é recorrente na argumentação estética de Dewey, e não só em seu livro de 1934. Com efeito, basta observar sua produção fragmentária⁴ destacada por Campeotto (2021) para ver que em diferentes contextos o filósofo esforça-se por tratar do cotidiano e da vida diária em conexão com o estético e com a arte.

Esse esforço, sem dúvidas, fica mais evidente em “Arte como Experiência” porque ali Dewey (2010) concretiza seu projeto de reunir arte e vida por meio da argumentação de que a experiência estética não é um tipo diferente de experiência, mais propriamente, ela é uma experiência desenvolvida, mas que se encontra em uma linha de continuidade com as demais experiências humanas. Não é natural e inerente tratar a estética como uma esfera separada, mas isso aconteceu por razões externas à própria teoria, devido a desenvolvimentos econômicos e históricos.⁵

Para o filósofo pragmatista (2010), é o costume e a prevalência dessa teoria estética tradicional que faz com que se passe por alto os vínculos óbvios entre essas duas esferas, que, se bem são diferentes desde sua perspectiva, estão profundamente interligadas, e o estético nasce a partir da vida diária, é nela que encontra suas raízes, como fica evidente no excerto destacado a seguir:

Para *compreender* o estético em suas formas supremas e aprovadas, é preciso começar por ele em sua forma bruta; nos acontecimentos e cenas que prendem o olhar e o ouvido atentos do homem, despertando seu interesse e lhe proporcionando prazer ao olhar e ouvir: as visões que cativam a multidão – o caminhão do corpo de bombeiros que passa veloz; as máquinas que escavam enormes buracos na terra; a mosca humana escalando a lateral de uma torre; os homens encarapitados em vigas, jogando e apanhando parafusos incandescentes. As origens da arte na experiência humana serão apreendidas por quem vir como a graça tensa do jogador de bola contagia a multidão de espectadores; por quem notar o deleite da dona de casa que cuida de suas plantas e o interesse atento com que seu marido cuida do pedaço de jardim em

4 O tema da diferença entre a estética fragmentária de Dewey e sua estética sistemática foi desenvolvido por Campeotto e Viale (2018), e mais tarde aprofundado por Campeotto (2021), que mostrou que apesar de ter se propagado entre intérpretes de Dewey uma ideia comum de que o filósofo só desenvolveu um interesse em estética e arte muito tarde em sua vida, e que toda sua teoria pode ser encontrada em seu livro de estética de 1934 isso não é exatamente verdade. Como mostraram Martin (2002) e Campeotto (2021), durante toda vida Dewey cultivou um interesse em estética, e pode-se rastrear textos dessa linha filosófica desde sua primeira publicação já em seu livro de 1887, *Psicologia*. A essa produção pouco conhecida e desenvolvida em ensaios, conferências, resenhas e capítulos de livros dos primeiros anos que Campeotto (2021) chamou de fragmentária.

5 A respeito dessa separação entre arte e vida, vale a pena citar aqui as palavras de Dewey (2010, p. 64): “Os fatores que glorificaram as belas-artes, elevando-as em um pedestal distante, não surgiram no âmbito da arte, e sua influência não se restringe às artes. Para muitas pessoas, uma aura mesclada de reverência e irrealidade envolve o ‘espiritual’ e o ‘ideal’, enquanto em contraste, ‘matéria’ tornou-se um termo depreciativo, algo a ser explicado ou pelo qual se desculpar. As forças atuantes nisso são as que afastaram a religião, assim como as belas-artes, do alcance do que é comum, ou da vida comunitária”. Um pouco mais adiante o pensador volta o tema apresentando razões mais pontuais e históricas como se pode ler a seguir: “Então, deve haver razões históricas para o surgimento da concepção compartimentalizada das belas-artes. Nossos atuais museus e galerias, nos quais obras de arte são recolhidas e armazenadas, ilustram algumas das causas que agiram no sentido de segregar a arte, em vez de considerá-la um fator concomitante do templo, do fórum e de outras formas de vida associativa. Seria possível escrever uma história instrutiva da arte moderna em termos da formação dessas instituições nitidamente modernas que são o museu e a galeria de exposições. Posso assinalar alguns fatos destacados. Quase todos os museus europeus são, entre outras coisas, memoriais da ascensão do nacionalismo e do imperialismo. Toda capital tem que ter seu museu de pintura, escultura, etc., em parte dedicado a exibir a grandeza de seu passado artístico, em parte dedicado a exibir a pilhagem recolhida por seus monarcas na conquista de outras nações, a exemplo da acumulação de espólios de Napoleão que se encontra no Louvre. Eles atestam a ligação entre a moderna segregação da arte e o nacionalismo e o militarismo. [...] O crescimento do capitalismo foi uma influência poderosa no desenvolvimento do museu como lar adequado para as obras de arte, assim como na promoção da ideia de que elas são separadas da vida comum” (DEWEY, 2010, p. 66-67).

frente à casa; por quem perceber o prazer do espectador ao remexer a lenha que arde na lareira e ao observar as chamas dardejantes e as brasas que se desfazem. Essas pessoas, se alguém lhes perguntasse a razão de seus atos, sem dúvida forneceriam respostas sensatas. O homem que remexe os pedaços de lenha em brasa diria que o faz para melhorar o fogo; mas não deixa de ficar fascinado com o drama colorido da mudança encenada diante de seus olhos e de participar dele na imaginação. Ele não se mantém como um espectador frio. (DEWEY, 2010, p. 62).

Como pode-se inferir da citação acima, Dewey (2010) assim como muitos estetas do cotidiano admitem uma troca e uma interpenetração profunda entre a vida cotidiana e a arte, ao ponto de afirmarem que é nesse cotidiano que se encontra a promessa do que será a experiência estética. Há potencialmente algo de estético em experiências que captam nossos sentidos, do caminhão de bombeiros passando ou das máquinas ruidosas que escavam buracos.

Eis aqui um ponto chave da teoria estética pragmatista de Dewey que foi muito explorado por seus intérpretes. O de que as experiências estéticas diferem das experiências cotidianas em seu grau de completude, ritmo e organização. Porém, elas não são experiências que possuem uma essência distinta, em verdade estão em uma linha de continuidade com as experiências diárias, como destacaram Alexander (1987) e Stroud (2011).

E é aqui que o dilema se revela também presente na teoria de Dewey. Como bem observou Pope (2011), embora Dewey pareça ser sensível e aberto à possibilidade de uma outra forma de experiência estética, e talvez até de uma arte popular e de uma estética do cotidiano, uma análise detalhada de seu livro revela que ele se limita a sinalizar essa possibilidade. A tensão é evidente porque apesar da ênfase no cotidiano e da defesa da expansão do estético, em última instância, Dewey ainda defende que as experiências estéticas paradigmáticas são as experiências da arte porque são elas que exemplificam “[...] de maneira acentuada e aperfeiçoada, a união característica de muitas outras experiências [...]” (DEWEY, 2010, p. 450). Em uma passagem bastante significativa a respeito Dewey (2010, p. 350) afirmou que a: “[...] sensação do todo inclusivo, implícita nas experiências comuns, se intensifica no interior da estrutura de um quadro ou um poema.”

Essa tensão constante também foi observada e criticada por Saito (2007), especialmente pelo fato de que apesar do discurso inicial, como fica claro pelas passagens citadas, Dewey ainda toma as artes como um paradigma para a experiência estética, atitude evidente pelo próprio título de sua obra. Além disso, vale também destacar, como notou Pope (2011), que os exemplos empregados pelo filósofo em seu tratado são todos oriundos das belas-artes, seja da alta literatura como Keats, Shelley e Wordsworth ou da pintura como Leonardo, Dürer, El Greco, Cézanne, Matisse e Van Gogh.

Em vários momentos de sua obra 1934 Dewey contrasta a experiência da vida cotidiana com a experiência das artes, e, como notaram Saito (2007) e Puolakka (2014), quase sempre esse contraste conduz a uma visão negativa do cotidiano. Enquanto a experiência estética (supostamente geral, mas mais especificamente das artes) é marcada por ritmo, atenção, completude e conclusão, conteúdo emocional distinto e continuidade, as experiências diárias e cotidianas se caracterizam pelo rompimento, desatenção e descontinuidade, embora não exista um juízo negativo sobre elas, mas trata-se tão somente de uma descrição. Em certo momento, o filósofo chegou a escrever que “[...] a experiência comum é amiúde contagiada pela apatia, pela inércia e pelo estereótipo” (DEWEY, 2010, p. 451).

Embora a experiência cotidiana seja retratada, por vezes, em termos negativos, há ocasiões em que existe uma dubiedade, porque o filósofo parece admitir que o cotidiano pode ser fonte de experiência estética não somente no estado germinal de que havia tratado antes e que já foi citado de seu livro de 1934, porém, realmente como uma experiência madura. Esse tratamento encontra-se sobretudo em textos de sua estética fragmentária, da qual se destaca aqui uma passagem significativa.

Infelizmente, há uma tendência quando pensamos em obras de arte principalmente para associá-las aos museus de arte, às galerias de arte, ou ao salão de música ou à casa de ópera, lugares onde podemos ir e ver ou ouvir aqueles objetos que se tornaram reconhecidos como obras de arte. Se abordarmos o assunto a partir de nossa perspectiva, obteremos uma abordagem mais flexível e mais inclusiva, mais tolerante. *Se reconhece que podemos ter esta experiência na presença de todo tipo de coisas – a graciosidade de uma pessoa na aproximação e no relacionamento com outras pessoas – que grandes feitos de pessoas não apenas daqueles reconhecidos como heróis, mas pessoas humildes, podem então ter a graça ou a nobreza por causa da maneira como nos atingem. Se nos aproximamos por este lado, parece-me que tendemos a ampliar [a perspectiva]. Se ficarmos mais atentos aos momentos deste tipo de experiência, não pensamos neles como experiências que temos indo a certos lugares, mas que podemos ter a qualquer hora do dia em conexão com qualquer, não com todos, mas em contato com objetos, cenas, pessoas que não são de forma alguma rotuladas como obras de arte.* (DEWEY, 1988, p. 359, grifo nosso).

O excerto citado retirado da conferência de 1938 intitulada “A filosofia das Artes” serve para evidenciar como Dewey parece alterar entre dois extremos quando se trata do cotidiano. Aqui, ele parece admitir a possibilidade de uma experiência estética para além das artes, experiência essa que pode ser encontrada em objetos, cenas e até interações com pessoas na vida diária.

No entanto, na mesma conferência, poucos parágrafos depois, Dewey retorna a sua posição adotada no livro de 1934, no qual a tensão e o paradoxo são evidentes, paradoxo esse que também foi apontado por autores como Saito (2007). A experiência estética da arte é valiosa porque nela são reunidos de maneira organizada e equilibrada o que na experiência cotidiana permanece incompleto e solto. O pensador chega a ir além, encerra a conferência apontando que o estético não é tão comum nas experiências cotidianas, como se pode ler a seguir.

Posso concluir afirmando que, afinal de contas, o que chamamos de uma experiência, se a tivéssemos com frequência suficiente e se fosse o suficientemente normal, deveríamos deixar de lado o adjetivo de estética. Devemos conhecê-la pelo que é: simplesmente experimentá-la, tendo experiências em sua melhor forma e em seu máximo. (DEWEY, 1988, p. 368).

O que fica claro depois dos excertos expostos nesta investigação é que Dewey também parece enfrentar de modo inconsciente o paradoxo da estética do cotidiano, porque se bem por um lado ele por vezes admite que o estético nasce e pode ser encontrado na vida diária, por outro lado, ainda segue tomando a arte como ponto de reflexão chave como exemplo paradigmático do estético. Isto é, ele não chega a desenvolver uma estética do cotidiano como propriamente fazem os contemporâneos. Neste sentido, talvez, Leddy (2012), tenha razão ao interpretar na esteira de Dewey que existe uma diferença entre as duas esferas, admitindo que é possível desenvolver uma estética do cotidiano sem com isso empurrar as experiências cotidianas rumo a esfera extraordinária quando analisadas.

4 Considerações finais

Como é evidente para qualquer leitor, infelizmente, o dilema do cotidiano não foi resolvido nem por Dewey, nem pelos pensadores da estética do cotidiano contemporânea. Talvez esse paradoxo seja inerente à discussão e não seja possível resolvê-lo, ou talvez seja necessário que os pensadores continuem insistindo e refletindo a respeito com o intuito de achar uma terceira via média que supere o problema. Afinal, não se deve esquecer que essa linha é bastante recente, e que se encontra ainda em desenvolvimento.

O intuito deste breve ensaio não era de oferecer uma resolução para o dilema, já que tal empreitada requer muito mais espaço e aprofundamento teórico. O objetivo aqui perseguido era muito mais modesto, a saber, o de mostrar que o paradoxo em relação ao estético no cotidiano já estava presente na formulação pragmatista de Dewey. Já no pensador clássico, quando se tenta unir essas duas esferas surge uma tensão sem resolução, em que ora o cotidiano é aceito como fonte do estético, ora ele é entendido como uma semente para o que pode se tornar estético ao se tornar mais artístico e extraordinário. É dizer, ora o cotidiano é fonte do estético e ora é visto como o ponto de partida para uma experiência estética que, ao final, ainda pensa o estético a partir das belas-artes.

Se uma posição é requerida, aqui inclina-se por aceitar o argumento desenvolvido por Leddy de que é impossível lidar com as coisas cotidianas sem, até certo ponto, devido à metodologia e atenção empregada, torná-las em extraordinárias. Agora, se Dewey estava certo, e as experiências estéticas auxiliam a comunicar melhor com os demais seres humanos, a salvaguardar a vida democrática e a viver mais plenamente, talvez, tornar as coisas um pouco mais extraordinárias seja exatamente o que é necessário neste momento pós-pandêmico.

Referências

- ALEXANDER, T. *John Dewey's Theory of Art, Experience, and Nature: the horizons of feeling*. New York: SUNY Press, 1987.
- CAMPEOTTO, F. *La estética de John Dewey y la historia del arte: teoría y praxis*. 2021. 440f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Nacional de Córdoba, Córdoba, Argentina, 2021.
- CAMPEOTTO, F.; VIALE, C. Barne's influence on John Dewey's Aesthetics: a preliminary approach. *Cognitio: Revista de Filosofia*, v. 19, n. 2, p. 227-241, 2018.
- CARLSON, A. The dilemma of everyday aesthetics. In: YUEDI, L.; CARTER, C. L. (Orgs.). *Aesthetics of everyday life: east and west*. Newcastle, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2014.
- CARROLL, N. *Philosophy of art: a contemporary introduction*. London and New York: Routledge, 1999.
- DAHL, R. Between ordinary and extraordinary: a Dewey approach to ordinary, aesthetic, and cultic experience. *Harvard Theological Review*, v. 113, n. 3, p. 405-420, 2020. [<https://doi.org/10.1017/S0017816020000164>].
- DEWEY, J. *Arte como experiência*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DEWEY, J. The philosophy of the arts. In: BOYDSTON, J. A. (Ed.) *The later works of John Dewey*. v. 13. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1988.
- DREON, R. Introducing to pragmatist legacies in aesthetics. *European Journal of Pragmatism and American Philosophy*, v. XIII-1, p. 1-15, 2021. [<https://doi.org/10.4000/ejpap.2259>].
- FORSEY, J. The promise, the challenge, of everyday aesthetics. *Aisthesis: riviera on-line del seminario permanente di estetica*, v. 7, n. 1, p. 5-21, 2014. [<https://doi.org/10.13128/Aisthesis-14608>].
- HAAPALA, A. On the aesthetics of the everyday: familiarity, strangeness, and the meaning of place. In: LIGHT, A.; SMITH, J. M. (Eds.). *The aesthetics of everyday life*. New York: Columbia University Press, 2005.
- IRVIN, S. Scratching an itch. *Journal of Aesthetics and Art Criticism*, v. 66, p. 25-35, 2008. [<http://www.jstor.org/stable/40206303>].
- LEDDY, T. A Dewey approach to the dilemma of everyday aesthetics. *European Journal of Pragmatism and American Philosophy*, v. XIII-1, p. 1-15, 2021. [<https://doi.org/10.4000/ejpap.2273>].
- LEDDY, T. Everyday aesthetics and happiness. In: YUEDI, L.; CARTER, C. L. (Orgs.). *Aesthetics of everyday life: east and west*. Newcastle, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2014.

- LEDDY, T. Everyday surface aesthetic qualities: “neat”, “messy”, “clean”, “dirty”. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, v. 53, n. 3, p. 259-268, 1995. [<https://doi.org/10.2307/431351>].
- LEDDY, T. *The extraordinary in the ordinary: the aesthetics of everyday life*. Peterborough, Ontario: Broadview Press, 2012.
- LEDDY, T. The nature of everyday aesthetics. In: LIGHT, A.; SMITH, J. M. (Eds.). *The aesthetics of everyday life*. New York: Columbia University Press, 2005.
- LUQUE MOYA, G. *El pulso estético de la vida cotidiana: un estudio comparado entre John Dewey y Confucio*. Granada: Editorial Comares, S.L., 2019a.
- LUQUE MOYA, G. Los orígenes de la estética de lo cotidiano: John Dewey y la noción de experiencia estética. *Discusiones Filosóficas*, v. 20, n. 35, p. 129-148, 2019b. [<https://doi.org/10.17151/difil.2019.20.35.8>].
- MARTIN, J. *The education of John Dewey*. New York: Columbia University Press, 2002.
- MELCHIONNE, K. Definición de estética cotidiana. *Revista KEPES*, Trad. Horacio Pérez-Henao, v. 14, n. 16, p. 175-183, 2017. [<https://doi.org/10.17151/kepes.2017.14.16.8>].
- POPE, N. S. Hit by the street. Dewey and popular culture. *Education and Culture*, v. 27, n. 1, p. 26-39, 2011. [<https://www.jstor.org/stable/10.5703/educationculture.27.1.26>].
- PRYBA, R. Two modes of contemporary pragmatist aesthetics. *Contemporary Pragmatism*, v. 12, n. 1, p. 1-9, 2015. [<https://doi.org/10.1163/18758185-01201001>].
- PUOLAKKA, K. Dewey and everyday aesthetics-a new Look. *Contemporary Aesthetics*, v. 12, n. 1, p. 1-15, 2014. [<http://hdl.handle.net/2027/spo.7523862.0012.018>].
- PUOLAKKA, K. Novels in the everyday: an aesthetic investigation. *Estética: The Central European Journal of Aesthetics*, v. 56, n. 2, p. 206-222, 2019. [<https://doi.org/10.33134/eeja.189>].
- PUOLAKKA, K. The aesthetic pulse of the everyday: defending Dewey. *Contemporary Aesthetics*, v. 13, p. 1-15, 2015. [<http://hdl.handle.net/2027/spo.7523862.0013.005>].
- SAITO, Y. *Aesthetics of the familiar: Everyday Life and World-Making*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- SAITO, Y. *Everyday aesthetics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- SAITO, Y. Everyday Aesthetics in the Japanese Tradition. In: YUEDI, L.; CARTER, C. L. (Orgs.). *Aesthetics of Everyday Life: east and west*. Newcastle, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2014. p. 145-165.
- SARTWELL, C. Aesthetics of the Everyday. In: LEVINSON, J. (Ed.). *The Oxford Handbook of Aesthetic*. Oxford: Oxford University Press. 2005.
- STROUD, S. R. *John Dewey and the artful life: pragmatism, aesthetics, and morality*. University Park: Penn State University, 2011.
- YUEDI, L.; CARTER, C. Introduction. In: YUEDI, L.; CARTER, C. L. (Orgs.). *Aesthetics of everyday life: east and west*. Newcastle, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2014.



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2023
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2023v24i1:e61338>